

Epicuro e os critérios para a compreensão da *phýsis*

José Eudo Bezerra*

Resumo

Este trabalho tem como propósito discutir uma compreensão acerca dos critérios para a compreensão da *phýsis* apresentada por Epicuro. A sua gnosiologia tem como propósito evidenciar que é nas sensações (*aísthesis*) onde se origina o conhecimento. É pelas sensações que podemos validar o que conhecemos. No processo cognitivo do homem com a realidade, Epicuro apresenta o valor das afecções como critério de verdade, possibilitando ao indivíduo emitir juízos e significados. Ademais, outro elemento fundamental na sua gnosiologia refere-se às *prolépsis* ou antecipações que são responsáveis pelas elaborações intelectivas formuladas pelo indivíduo cognoscente. E, por fim, no que se refere ao processo cognitivo a participação da alma (*psyché*) como instrumento que possibilita a projeção dessas etapas do conhecer humano ao grau mais elevado do conhecimento.

Palavras-chave: Conhecimento. *Aísthesis*. *Prolépsis*. *Psyché*. *Phýsis*. Epicuro.

Résumé

Ce travail à comme intention discuter une compréhension concernant la des critères pour la compréhension de la *phýsis*. Sa gnosiologie a comme intention prouver que c'est dans les sensations (*aísthesis*) où la connaissance se donne lieu. C'est par les sensations que nous pouvons valider ce que nous connaissons. Dans le processus cognitif de l'homme avec la réalité, Epicure présente la valeur des affections comme critère de vérité, en rendant possible à la personne d'émettre des jugements et des significations. De plus, autre élément fondamental dans sa gnosiologie rapporte à la *prolépsis* ou aux anticipations qui sont responsables des élaborations intellectives formulées par la personne connaissant. Finalement, en ce qui concerne le processus cognitif la participation de l'âme (*psyché*), comme instrument qui rend possible la projection de ces étapes de la connaissance humaine au degré le plus élevé de la connaissance.

Mots clés: Connaissance. *Aísthesis*. *Prolépsis*. *Psyché*. *Phýsis*. Epicure.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor Assistente I na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

As sensações (Aísthesis) como ponto de partida do conhecimento

Na Carta a Heródoto, apesar das limitações dos textos, constam-se vestígios de uma teoria do conhecimento epicúrea. Epicuro apresenta as sensações (aísthesis)¹ como garantia para obter o conhecimento da realidade. Para ele, a sensação surge do choque entre dois corpos, uma vez que o ser humano é um composto, e o que ele recebe da natureza, à medida que é capaz de produzir sensação, também o é. Assim, as sensações nascem do encontro entre as coisas e o homem, que, por intermédio dos órgãos dos sentidos, assimilam. Conforme observa Asmis²: “O que se patenteia na percepção é o efeito de uma interação entre nós e átomos que chegam a nós. Fora da percepção, não há qualquer esfera vermelha externa”.

Entretanto, o que se entende por *aísthesis*? Refere-se aos cinco sentidos, a saber, a visão, audição, tato, olfato e gosto. O contato com os objetos, as coisas e a maneira como o indivíduo percebe pelos sentidos possibilita o conhecimento. Para Epicuro, os sentidos têm um papel essencial na nossa forma de perceber a realidade e de como falar dessa realidade. Assim, a sensação é concebida por ele como o critério universal para se obter o conhecimento. Observa Cornford³ que a importância da sensação é tão pertinente em Epicuro que chegava a afirmar: a sensação é a única e última garantia ou critério de avaliação da verdade.

Segundo Diógenes Laércio, Epicuro afirma que a sensação (aísthesis) é objetiva e verdadeira, nada existe que possa contradizê-la, nada pode ser acrescentado ou retirado dela, uma vez que elas são consideradas desprovidas de razão (*álogos*) e de memória. Para ele, a garantia desta veracidade é confirmada pelo seu caráter auto-evidente:

A veracidade das sensações é garantida pela existência efetiva das percepções imediatas. Ver e ouvir são tão reais quanto sentir a dor; logo, é necessário que nossas inferências sobre aquilo que não cai no âmbito dos sentidos provenham do mundo dos fenômenos.⁴

Contudo, é significativo entendermos como as sensações estão envolvidas e como estas influenciam nas etapas do conhecimento.

¹ No dicionário A. Bailly (1950) o termo *aísthesis* está traduzido como faculdade de perceber pelos sentidos e como sensação.

² Asmis, 1999, p. 273.

³ Cornford, 1981, p.21.

⁴ DL, op. cit., X, 32, p. 290.

A gnosiologia epicúrea sugere que o mundo afeta constantemente os sentidos (*aístetos*) os quais fornecem dados originados às sensações (*aístheis*), tornando-as infalíveis e verdadeiras. Há um número infinito de mundos que são gerados pelos átomos, e por serem livres, se deslocam no vazio como também formam corpos compostos.

Na teoria do conhecimento, em Epicuro, é preciso constatar que a concepção de mundo (*phýsis*) é de suma importância para fundamentar a origem do conhecimento. Para ele, a possibilidade do conhecer está fundamentada no contato das partículas atômicas que estão presentes nos corpos e que compõem as realidades compostas, são consequências das mutações que ocorrem nos corpos. Neste sentido, para Epicuro, tanto os simulacros (*eidola*), e o pensamento são causados pela relação: átomos, movimento e vazio conforme o passo seguinte:

Há impressões semelhantes à figura dos corpos sólidos, que por sua sutileza superam consideravelmente as coisas que aparecem aos nossos sentidos. Não é impossível que no ar circunstante se formem combinações desse gênero ou que se achem materiais adequados à produção de superfícies côncavas ou planas ou emanções que conservem a mesma disposição e a mesma sequência dos átomos dos corpos sólidos, dos quais provém; damos a essas impressões o nome de imagens.⁵

Conforme Epicuro, as imagens (*eidola*) são formadas por átomos tão sutis que ao desprender dos objetos como eflúvios atingem os sentidos do indivíduo cognoscente. Assim, a percepção é garantida por uma determinada forma de contato dos átomos com os órgãos dos sentidos (*aístetos*) seja pelos mecanismos da visão, da audição, do olfato. Neste sentido, o choque dos eflúvios com os órgãos sensoriais possibilita o reconhecimento das propriedades que constituem cada objeto perceptível. Ademais, a forma como se dão as sensações dos odores, dos sons, dos gostos e das visões não passa de contato entre corpos, a exemplo do que acontece com o tato. Epicuro afirma que a audição é produzida pelo deslocamento súbito de partículas gerando em nós a sensação auditiva. Em relação ao odor, ele sugere que este se manifesta quando pequenas partículas desprendidas pelos corpos excitam, por meio de choque, o órgão sensorial respectivo.

Segundo Epicuro, sem esta possibilidade do choque, a investigação não tem a devida procedência, e no que se refere às opiniões estas passam a se apoiar em suposições sem fundamento. Além disso, sugere Epicuro que os átomos, ao atingirem os corpos

⁵ DL, op. cit., X, 46, p. 293.

compostos, vibram incessantemente produzindo imagens (*éidola*). Observa Bollack⁶, “a percepção das formas requer que uma parte do objeto penetre no sujeito que percebe”. No parágrafo 49 da Carta a Heródoto, Epicuro afirma:

Devemos ter em mente que é pela penetração em nós de qualquer coisa vinda de fora que vemos as figuras das coisas e fazemos delas objeto de nosso pensamento. Tampouco as coisas externas poderiam imprimir em nós sua própria cor natural e sua forma natural por meio do ar existente entre nós e elas, nem por meio de raios ou correntes de qualquer espécie que se movem de nós para elas, tão claramente como quando entram em nós algumas impressões cuja cor e cuja forma são iguais às coisas [...].⁷

No processo cognitivo apresentado por Epicuro, o homem só poderá proceder numa investigação da natureza (*phýsis*) tendo como ponto de partida as sensações (*aísthesis*). O ato de conhecer é facultado por essa operação prévia que consiste no choque dos átomos dos corpos exteriores com o do *physiologós*. Neste sentido, para Epicuro não há outra possibilidade de conhecer que não seja através das sensações, conforme sugere a *Máxima*: “Se lutares contra todas as sensações, não terás um critério de referência, e assim não poderás julgar sequer aqueles juízos que qualificas de falsos⁸.”

Nesta passagem percebe-se que a negação total das sensações implica a ausência absoluta de critério para decidir sobre a validade de qualquer uma delas, inclusive daquelas que foram particularmente indicadas como falsas. Assim, as sensações são indispensáveis e incontestáveis para que possamos julgar se nossas opiniões são verdadeiras ou falsas. Conforme observa Cornford⁹, com essa fundamentação, Epicuro garante a sua tese da “infalibilidade da sensação, porque são os sentidos que revelam o mundo material das coisas tangíveis e estas são, quanto a ele, as únicas realidades”.

Este critério garante ao investigador obter o conhecimento evitando resultados errôneos. Segundo Epicuro, o erro ocorre quando a investigação tem por fundamento opiniões vazias e infundadas. Assim, uma vez que a opinião pode errar, conseqüentemente, não pode ser escolhida como um critério.

Entretanto, se os sentidos são confiáveis possibilitando ao indivíduo uma apreensão da realidade, como se explica o fato de os homens elaborarem juízos falsos? Para Epicuro, a maior parte dos erros advém dos juízos que o pensamento humano elabora a respeito dos

⁶ Bollack, Jean. La Lettre d'Épicure, p. 53.

⁷ DL, op. cit., X, 49, p. 294.

⁸ DL, op. Cit., X, 146, *Máximas Principais* XXIII, 1998, p. 318.

⁹ Cornford, 1981, p.24.

fatos, fazendo-se ver o que os sentidos de fato não viram conforme sugere o parágrafo 50 da *Carta a Heródoto*:

A falsidade e o erro dependem sempre da superposição de uma simples opinião quando um fato espera a confirmação crítica, ou pelo menos espera não ser contraditado, com efeito, freqüentemente o fato não é confirmado cientificamente ou é até contrariado em seguida (de acordo com um certo movimento interior correlacionado com a força intuitiva da apresentação, porém, distinta desta, causador do engano).¹⁰

Segundo Epicuro, a ocorrência do erro é devido a opinião que pode induzir um julgamento errôneo sobre a sensação. Conforme Diógenes Laércio¹¹, os epicuristas afirmam: “a opinião é verdadeira se a evidência dos sentidos a confirma ou não a contradiz; é falsa se a evidência dos sentidos não a confirma ou a contradiz”. Destarte, no que se refere ao engano, que o observador tem de determinadas coisas, ocorre pelo distanciamento dos simulacros em relação a determinado objeto ou fenômenos. Se um simulacro se afasta de um objeto, aquele evidentemente apresentará uma distorção.

Destarte, observa Epicuro, ao que se refere às coisas que são do “alto”, ele afirma que não é possível observar “de perto” e, por isso, pode proporcionar diversas possibilidades de interpretação referente aos fenômenos investigados.

Privar o poder da sensação à concepção atomista à qual pertence Epicuro, significa modificar os propósitos do método epistemológico pensado por ele. O fundamento, portanto, sobre a qual repousa, em última instância, a veracidade dos sentidos, é a evidência daquilo que neles se mostra como objeto sensível ao modo de percepção direta, conforme sugere a *Máxima Capital*¹²: “Devemos considerar como fim o propósito real e a evidência da percepção direta, padrões de referência com que sempre conferimos as conclusões da opinião; se assim não for, tudo estará cheio de dúvida e confusão”. Assim, fica patente que para Epicuro não se pode inferir outra possibilidade de conhecer que não seja pelas sensações.

¹⁰ DL, op. cit., X, 50, p. 294.

¹¹ Ibidem, X, 34, p. 290.

¹² DL, op. Cit., X, 146, *Máximas Principais* XXII, 1998, p. 318.

As afecções (Páthos)

Na teoria do conhecimento de Epicuro, as afecções (*páthos*)¹³ fazem parte do processo cognitivo. Elas são definidas como o ponto de partida para que haja uma relação dos órgãos dos sentidos com as imagens que são produzidas pelas sensações. Uma sensação pode ser entendida como uma afecção do corpo a partir do contato com os outros corpos ou com os fenômenos, e, através das afecções o indivíduo está interligado aos fenômenos a serem investigados.

Segundo Epicuro, as afecções se manifestam do contato dos corpos com outros corpos ou se dá no contato com o fenômeno. É através das afecções que sempre haverá a possibilidade de emitirem significados acerca da realidade ou dos fenômenos que estão sob investigação. Assim, para Epicuro, as afecções são admitidas como critério de verdade e ele as considerava de dois tipos, a saber, de prazer e de dor. No passo 128 da *Carta a Menecceu*, ele afirma que “o prazer é o princípio e fim da vida feliz”. As afecções são consideradas por ele critério para discriminar o verdadeiro do falso, como também critério normativo do agir humano, ou seja, elas são parâmetros para toda a escolha e toda rejeição conforme relata Diógenes Laércio:

Eles dizem que os sentimentos (ou afecções) são dois: o prazer e a dor, que se manifestam em todas as criaturas humanas, e que o primeiro é conforme à natureza humana, e a outra lhe é contrária, e que por meio dos dois são determinadas a escolha e a rejeição.¹⁴

Epicuro sugere que as afecções não se produzem por si mesmas, porém, são produzidas por alguma coisa. E, se algo age sobre o indivíduo, necessariamente esse algo deve ser real. Ademais, ele sugere que, se as afecções são produzidas por alguma coisa, o prazer e a dor devem corresponder a essa coisa. Com efeito, admitindo que a afecção é uma sensação que expressa a exata representação dos compostos, pode-se admitir a legitimidade da afecção como sugerem Long e Sedley:

Convicções sobre os valores morais das coisas são verdades tão objetivas quanto convicções sobre suas naturezas físicas, e que os sentimentos são os árbitros desta verdade. Em todo caso, é claro que as afecções

¹³ O significado de *páthos* no contexto helenístico tende para a noção de afecção ou tudo aquilo que afeta o corpo ou a alma, Cf. A. Bailly, *Dictionnaire Grec- Français*. Paris: Librairie Hachette, 1950.

¹⁴ DL, op. cit., X, 34, p. 290.

desempenham um papel crítico também na física, isto é, como nossa fonte de dados de introspecção para averiguar a natureza da alma.¹⁵

Entretanto, de que maneira Epicuro fundamenta essa concepção? No passo 48 da Carta a Heródoto ele afirma que os corpos emitem partículas sutis que produzem imagens que permitem o reconhecimento, pelos sentidos, das suas características determinantes. Essas imagens que ele entende como sentidos internos são denominados de simulacros (*eídolas*) que na física de Epicuro são justificados como átomos que advêm das realidades compostas. Ele afirma que de todas as coisas emanam esses simulacros e que penetrando em nós não só produzem sensações como também pensamento conforme o passo seguinte:

Além disso, deve-se ter em mente que a formação das imagens é tão veloz quanto o pensamento, e que a emanação proveniente da superfície dos corpos é incessante e nunca poderemos perceber com os sentidos uma diminuição dos corpos, pois a matéria é resposta constantemente. A emanação conserva durante muito tempo a disposição e a seqüência que os átomos tinham num corpo sólido embora às vezes ocorra alguma confusão. [...] Mas, nada de tudo isso é contraditado pelas sensações, se nos atemos de certo modo à evidência imediata, à qual devemos acrescentar o consenso suprido pelas propriedades constantes das coisas que nos vêm de fora.¹⁶

Segundo Epicuro, é devido a sutileza, as direções e o movimento rápido que os simulacros nos possibilitam sentir e pensar as coisas, as realidades, os fenômenos os quais investigamos. Entretanto, constata-se uma dificuldade, a saber, a de delimitar como podem ser corretas as representações das imagens que emanam dos corpos pelos sentidos.

No que se refere à validade dos simulacros, Epicuro os compreende como critério de verdade, mesmo identificando que alguns simulacros podem se decompor. Isso só ocorre quando há o distanciamento dos simulacros de determinadas realidades. Tais simulacros podem provocar enganos, erros, fantasias; nem por isso, podemos desconsiderá-los. Para Epicuro, as nossas representações advêm dos simulacros porque elas são derivadas de realidades externas. Além disso, ele afirma que nem mesmo a razão pode negar ou colocar em contradição as sensações, uma vez que todo estímulo racional depende das sensações.

E como garantir essa validade? Segundo Diógenes Laércio, para Epicuro, a validade das sensações é garantida pela existência efetiva das percepções imediatas, ou seja, o que é

¹⁵ Cf. LS, 2001, 1, p. 90.

¹⁶ DL, op. cit., X, 48, p. 294.

percebido de modo imediato penetra pelos sentidos livres dos equívocos, uma vez que as projeções provocadas na alma representam exatamente os objetos observados. Destarte, as sensações apresentam clareza de evidência e validade, já que elas próprias transmitem veracidade de forma individualizada. Com efeito, Epicuro afirma não ter como apresentar comparações entre as sensações, pois cada uma tem origem em um determinado fenômeno. Deste modo, não tem como constatar uma contradição de uma afecção por meio de outra afecção, uma vez que cada uma delas transmite veracidade própria conforme relata o passo seguinte:

Tampouco uma sensação homogênea pode contradizer outra sensação homogênea, porque uma e outra são equípolentes, nem uma sensação heterogênea pode contradizer outra heterogênea, porque os objetos de seus juízos não são os mesmos.¹⁷

Assim, as afecções são consideradas como ponto de partida de todo processo cognitivo no homem. São as afecções que imprimem em cada um de nós as primeiras noções que temos acerca da realidade, ou seja, são elas que nos colocam diante dos fenômenos e dos objetos que fazem parte da nossa realidade, e pelas quais elaboramos conceitos e idéias.

As antecipações (prolépsis)

Epicuro apresenta como segundo critério de verdade, na sua teoria do conhecimento, a noção de antecipação (*prolépsis*) denominada, também, pré-noção, ou ainda impressão é o instrumento que se refere aos conteúdos preexistentes na alma no instante em que algo é percebido pelo indivíduo. Além disso, podem ser entendidas como representações mentais das coisas. Segundo Epicuro, sem as antecipações não é possível raciocinar nem refletir. São elas que permitem ultrapassar o real que se coloca à frente. Conforme Epicuro, as impressões são produzidas pelo fluxo constante dos simulacros e por uma determinada regularidade e constância agindo no indivíduo.

Segundo Diógenes Laércio, os epicuristas entendem por antecipação “uma espécie de cognição ou apreensão imediata do real, ou uma opinião correta, ou um pensamento ou uma idéia universal ínsita na mente [...]”¹⁸. Neste sentido, para os epicureus a *prolépsis* é formada a partir de impressões sensíveis. A variedade de sensações que vão ocorrendo forma, ao longo do tempo, uma memória que é constituída por um acúmulo de registros.

¹⁷ DL, op. cit., X, 32, p. 290.

¹⁸ Ibidem., X, 33, p. 290.

Estes passam por um processo de comparação e seleção, de uns em relação aos outros, constituindo traços comuns e genéricos, estabelecendo uma noção geral (*prolépsis*).

Neste sentido, para o observador formular conceitos ou obter conhecimento, faz-se necessário que os dados procedentes dos sentidos sejam representados conforme o que é observado, ou seja, o conhecimento só é possível quando aquilo que pode ser atestado e compreendido pela razão, tendo em sua origem o que é percebido pelos sentidos. Assim, quando o indivíduo percebe, toca, cheira e saboreia algo, estas sensações são tomadas como evidências primárias as quais poderão possibilitar e orientar uma investigação posterior. Sendo assim, sem as antecipações não haveria possibilidade de nomear um animal que se avista ao longe por chimpanzé, e não por gorila. Tal hipótese não seria possível se não existisse uma idéia geral do que venha a ser animal. Segundo Epicuro, quando um indivíduo se defronta com um objeto do qual ele já tenha obtido dados gerais, poderá recorrer à memória para reconhecê-lo e estabelecer opiniões acerca deste objeto.

Para Epicuro, tudo o que existe são átomos, compostos de átomos, e o vazio, por meio do qual eles se movem. O homem faz parte desta realidade, incluindo sua capacidade orgânica, perceptiva e intelectual. Sendo assim, para Epicuro, as evidências primárias é resultado do contato entre corpos, a saber, dos sentidos e dos simulacros proveniente dos objetos, trazendo consigo os elementos que identificam os compostos aos quais pertencem. Além disso, segundo ele, as antecipações (*prolépsis*) permitem identificar as diversas percepções das coisas sob um símbolo mental, e ainda, proporcionam a garantia de um ponto de partida para uma investigação daquilo que ainda não é conhecido, como também de realidades entendidas como não acessíveis aos sentidos.

Partindo desta concepção, a *prolépsis* representa, para Epicuro, diferentes formas de apreensão, seja esta de uma ideia ou de um pensamento. Assim, para ele a possibilidade de criarmos conceitos é devido ao conjunto de conteúdos preexistentes na alma no instante em que algo é percebido. Quando um indivíduo está numa fase de investigação, recorre à memória esses conteúdos, impressos na alma possibilitando uma atividade intelectual que resulta em novos dados sobre o objeto investigado. Sem a *prolépsis* não haveria a possibilidade do indivíduo fazer elaborações intelectivas, uma vez que as sensações não podem perceber essas realidades mentais. Num processo investigativo, o observador tem a possibilidade de sempre recorrer à mente para rever conteúdos e novos conceitos sobre o objeto investigado.

Além disso, para Epicuro, quando emitimos um juízo sobre determinado objeto, é porque já tínhamos uma opinião correta sobre tal objeto, e essa opinião é resultado de impressões anteriormente presentes na alma. Conforme Epicuro, para que haja uma investigação minuciosa, faz-se necessário ter pré-noções sobre determinado objeto ou fenômeno que compõem essas realidades. Entretanto, quando não temos nenhuma pré-noção sobre determinado objeto ou fenômeno, é preciso o observador fazer constantes observações para adquirir uma determinada evidência acerca do que se investiga. Assim, Epicuro ordena o seu método investigativo tendo como pressuposto para obter o conhecimento as noções gerais que compõem tal objeto.

Neste ponto, é pertinente discutir a questão da linguagem, uma vez que, para Epicuro, os vocábulos que constituem a linguagem são atribuídos às pré-noções (*prolépsis*). Deste modo, para ele os vocábulos são naturais, sendo constituídos de expressões fonéticas conforme à natureza particular de cada povo, pelas sensações e imagens das coisas. Observa Marcel Conche¹⁹ “a linguagem nasce *phyei*, porém, se desenvolve, e se enriquece em opinião (*thésis*) e no cálculo da razão (*logismós*)”. Epicuro afirma poder, nessa origem natural, ser inserida a convenção, a saber, partindo de experiências novas criar vocábulos novos.

Assim, para Epicuro, as coisas se manifestam pela linguagem, uma vez que as antecipações sendo reveladas por ela exprimem a natureza das coisas.

Outro ponto pertinente na gnosiologia epicúrea é o que se refere à observação como instrumento de validação dos dados, tal procedimento tem como princípio a experiência. Entretanto, Epicuro admite também o uso de analogias que têm por objetivo investigar os fenômenos distantes cuja observação é limitada. Além disso, ele apresenta outra discussão envolvendo a percepção e a experiência para delimitar o papel de cada uma no processo cognitivo conforme o passo seguinte:

As apresentações que, por exemplo, são recebidas em uma pintura, ou vistas em sonhos ou por qualquer intuição da mente ou por outros critérios da verdade, não seriam jamais semelhantes às coisas que designamos como realmente existentes e verdadeiras se existissem certos termos concretos de comparação. Não haveria erro se não houvésemos experimentado um certo movimento em nós mesmos, correlacionando com a percepção do que é apresentado, mas distinto dela. E desse

¹⁹ M. Conche. *Èpicure, Lettres et Maximes*, p. 178-180.

movimento, se ele é confirmado ou não é contraditório, depende a verdade.²⁰

Assim, Epicuro apresenta, na sua teoria do conhecimento, que a percepção tem o papel de possibilitar ao observador uma pré-noção de tudo o que vai ser investigado. Por outro lado, o resultado obtido pelo indivíduo no processo investigativo dependerá do método utilizado para validar os resultados de sua investigação. Segundo Epicuro, a experiência sempre será válida para adquirir conhecimento, porém, o critério utilizado para elaborar essa investigação irá diferenciar se o conhecimento é verdadeiro ou falso. Sendo assim, a *prolépsis* possibilita a garantia de uma apreensão que fazemos do objeto investigado, os seja, ela permite identificar as diversas percepções das coisas ordenando-as sob um mesmo signo mental, reconhecer as novas sensações que nos afetam, e, ainda possibilita ao investigador um ponto de partida firme para uma investigação do que não é ainda conhecido, ou de fenômenos concebidos como não acessíveis aos sentidos.

A *prolépsis* mantém uma estreita relação com a sensação, conduzindo a alma a procurar uma definição prévia que possibilitará, um conceito mais específico acerca do que está sendo investigado. Sendo assim, na gnosilogia epicúrea atesta-se um modelo de investigação que torna explícito as etapas do conhecimento apresentadas com a devida coerência.

A elaboração do pensamento (epibolé tès dianóias)

No *Corpus*, Epicuro infere três categorias de objetos, classificando-os consoante a maior ou menor perspectiva de uma avaliação direta, a saber, objetos totalmente perceptíveis (*pródela*), que, devido a sua proximidade, possibilitam-nos avaliar diretamente; objetos perceptíveis, não nos permitindo, porém, uma avaliação direta, tal como os fenômenos astronômicos e meteorológicos (*tá metéora*), bem como o das coisas que estão sob a terra; e, por fim, aqueles que são imperceptíveis aos sentidos (*ádela*), tais como, os deuses, o átomo e o vazio, que, segundo Epicuro, são acessíveis apenas ao pensamento.

Ao primeiro tipo de objetos pertencem as imagens (*eidola*) que, antecipadas pelo espírito, podem ser confrontadas com uma percepção mais fidedigna dos corpos que as originam, seja na confirmação ou na infirmação da imagem apresentada ao espírito.

²⁰ Ibidem, X, 51. p.295.

Já o segundo tipo de objetos oferece uma dificuldade para o *physiologós*: como determinar com precisão a natureza destes fenômenos, isto é, o mecanismo de seu funcionamento e suas características mais gerais, na medida em que eles se encontram fora do nosso campo de avaliação direta?

A atenção dedicada a esses fenômenos por Epicuro e em seu *Corpus* está relacionada diretamente ao antifinalismo e a antiprovidencialismo de sua filosofia. É preciso considerar que tanto o céu como as regiões subterrâneas sempre foram considerados lugares privilegiados de manifestação do poder divino. Desse modo, este domínio adquire, para Epicuro e seus discípulos, relevância na tarefa de ilustrar o naturalismo e expurgar os falsos temores impostos pela visão religiosa tradicional, conforme o parágrafo 76 da Carta a Heródoto:

Quanto aos fenômenos celestes, não se deve crer que os movimentos, as revoluções, os eclipses, o surgir e o por dos astros e fenômenos similares ocorram por obra ou por disposição presente ou futura de algum ser dotado ao mesmo tempo de perfeita beatitude e imortalidade.²¹

Para um epicurista, o que pode ser feito neste domínio pelo *physiologós* é tão somente enumerar algumas explicações possíveis, em termos que levam em conta a redução do mecanismo do fenômeno ao encontro entre átomos, ao mesmo tempo em que deve suspender toda pretensão a emitir um juízo que beneficie qualquer destas suposições. A este propósito, Epicuro ensina ainda que os fenômenos produzidos próximos a nós trazem-nos indícios que orientam a formulação destas suposições como sugere o parágrafo seguinte:

[...] Portanto, em nossa investigação dos fenômenos celestes e de todos os fenômenos que não se enquadram no âmbito de nossos sentidos, devemos utilizar as nossas observações relativas à multiplicidade dos modos de ocorrência de um fenômeno terrestre análogo. (...) Se admitimos, então, que um determinado fenômeno pode verificar-se de uma determinada maneira, porém reconhecemos também que isso acontece de mais de um modo, conservamos nossa tranquilidade de alma como se tivéssemos consciência clara de que isso ocorre dessa maneira determinada.²²

No que se refere ao terceiro tipo de objeto, os absolutamente imperceptíveis trazem para a teoria do conhecimento de Epicuro algumas dificuldades. Com efeito, no domínio sensível anterior, vimos que a impossibilidade de emitir um juízo seguro a respeito de

²¹ DL, op. cit, X, 76. p.301.

²² Ibidem, X, 80. p.302.

determinado evento é explicada não apenas através da distorção sofrida pelos simulacros, desde o objeto a partir do qual são originados até impressionar nossos sentidos, mas também pela impossibilidade de efetuarmos uma avaliação direta no objeto. De todo modo, mesmo uma imagem distorcida é ainda uma imagem. Ora, que espécie de conhecimento podemos ter de coisas como o átomo e o vazio, na medida em que são imperceptíveis, isto é, não emitem simulacros?

A possibilidade do pensamento para Epicuro se dá a partir das sensações até as impressões sensíveis que se fixam na memória antecipando as noções básicas acerca de um objeto, resultando as projeções do pensamento (*epibolé tês diánoias*)²³. Além disso, a alma tem como tarefa possibilitar a passagem das impressões geradas pelas sensações e pelas afecções projetando para uma atividade cognitiva.

Na Carta a Heródoto, Epicuro refere-se a esta última etapa do processo cognitivo, mediante o qual o pensamento pode inferir a existência de algo que a sensação não atesta, a saber, os átomos, o espaço, o vazio, uma vez que são imperceptíveis aos sentidos como sugere o passo seguinte:

[...] Além disso, devemos compatibilizar todas as nossas investigações com nossas sensações, e particularmente com as apreensões imediatas, sejam elas da mente ou de qualquer outro instrumento de juízo, e compatibilizá-las igualmente com os sentidos existentes em nós, para podermos ter indicações que nos permitam julgar o problema da percepção por via dos sentidos e do que é imperceptível aos sentidos.²⁴

Segundo Epicuro, todas as nossas noções têm origem nas sensações formuladas pelas projeções do pensamento, tendo em vista uma compreensão dos modos de realização da *phýsis*. Através deste processo, o espírito capta, por si próprio, verdades que, em primeiro lugar, não são contestadas pelos sentidos, e, em segundo lugar, estão em acordo com a nossa experiência cotidiana.

A alma (psyché) e os processos mentais

A compreensão epicúrea da alma tem gerado discussões e críticas por esta apresentar uma noção da alma como uma realidade corpórea, fundamentada na concepção atomista de mundo, segundo a qual tudo o que existe é constituído de átomos e vazio. No

²³ A tradução da expressão *phantastikè epibolé tês diánoias* são variadas. Lucrécio a traduziu como sendo uma “projeção do espírito”. Bollack traduz como uma “projeção imaginativa do pensamento” e E. Bréhier traduz como uma “projeção” ou “salto” do pensamento.

²⁴ DL, op. cit, X,38. p.291.

parágrafo 63 da Carta a Heródoto, Epicuro refere-se à natureza da alma como algo semelhante ao corpo e que é passível de corrupção, sendo, composta de partículas sutis mantendo-se intactas, como sugere a passagem seguinte:

Depois disso, tendo em vista nossas sensações e sentimentos (pois assim teremos os fundamentos mais seguros para a credibilidade), é necessário considerar que a alma é corpórea e constituída de partículas sutis, dispersa por todo o organismo [...].²⁵

Nesta passagem, Epicuro sugere vestígios de uma teoria do conhecimento por relacionar as partes da alma com elementos corpóreos os quais são essenciais para o contato da alma com a realidade, colaborando para a elaboração do pensamento. Além disso, a compreensão epicúrea da alma como um corpo evidencia diferentes aspectos de sua natureza, uma vez que constituída de partes distintas, estas se relacionam buscando dar sentido ao conhecimento.

Nas etapas do processo cognitivo, Epicuro sugere que a alma possibilita a passagem das impressões geradas pelas sensações e pelas afecções projetando para uma atividade mais evoluída do conhecer humano. Segundo ele, a alma é responsável pela “projeção” dessas etapas cognitivas na elaboração de uma investigação minuciosa dos fenômenos realizada pelo investigador.

Epicuro afirma que a alma apresenta uma composição variada, a saber, é constituída de átomos sutis e móveis denominados por ele de ventosos e ígneos, referindo-se à parte irracional da alma (*alogón*), e os que se referem à parte racional (*logikón*), a saber, são átomos especialíssimos que constituem a parte racional da alma, a qual sempre multiplica e sempre flui possibilitando uma atividade reflexiva conforme apresenta Diógenes Laércio, no passo seguinte:

[...] Ele diz em outra parte que a alma é composta de átomos extremamente lisos e arredondados, muito diferentes dos átomos do fogo; que a parte esparsa por todo o resto do corpo é irracional, enquanto a parte racional reside no peito, como podemos perceber claramente em nossos temores e em nossa alegria; [...].²⁶

Na teoria do conhecimento de Epicuro, podemos identificar uma tentativa de demonstrar que há uma relação de adequação entre as impressões dos sentidos e as pré-noções que temos da realidade investigada na própria natureza; Segundo ele, isso ocorre

²⁵ DL, op. Cit., X, 63. p.298.

²⁶ DL, op. Cit., X, 66. p.298.

devido a atividade reflexiva da alma. Entretanto, como ocorre essa dinâmica entre as etapas cognitivas? Segundo Epicuro, a parte irracional da alma (*álogon*) situa-se na maior parte do corpo, é responsável pela impressão das sensações que passam pelos órgãos dos sentidos estabelecendo uma primeira forma de contato com a realidade. No que se refere à parte racional (*logikón*), ele sugere ser esta parte responsável pelo domínio do corpo e pela operação das afecções que se imprimem na alma. Ademais, Epicuro admite que a alma se decomponha por ser constituída de átomos, modificando a compreensão dos fenômenos, pois o indivíduo tem um corpo afetado constantemente, e, sendo assim, possibilitando pensamento e, conseqüentemente, conhecimento, por estarem as duas partes: *alogón* e *logikón* sempre possibilitando interações que auxiliam o homem a conhecer a realidade na qual ele vive.

Assim, Para Epicuro, todo contato tendo como resultado sensação, simulacros, afetará os sentidos proporcionando noções antes já vivenciadas e encontradas na alma. Por conseguinte, o corpo tem uma função primordial nessa dinâmica da atividade intelectual da alma. O corpo está diretamente ligado à realidade perceptível proporcionando, portanto, esse interagir entre o indivíduo e a *phýsis*. Neste sentido, o binômio corpo/alma tem em comum o fato de utilizarem os órgãos dos sentidos como vias de entrada de dados exteriores. Sendo assim, a compreensão da alma no pensamento de Epicuro é definida como uma realidade corpórea, opondo-se à ideia de alma incorpórea.

Portanto, corpo e alma, sensibilidade e racionalidade se interagem e proporcionam o “salto” para que o investigador tenha uma compreensão da realidade.

O capítulo a seguir terá como objetivo apresentar uma discussão acerca do alcance e limites do conhecimento epicúreo, apresentado as seguintes reflexões: o que pode o conhecimento e em que ele se aplica. Para tanto, será discutida a hipótese de que não há uma necessidade de estabelecer uma verdade absoluta sobre a realidade, tendo como base as proposições que compõem as *Cartas, Máximas e Sentenças*. Mesmo ao se admitir as dificuldades para dar curso a tal projeto, serão levadas em consideração as evidências no *Corpus* epicúreo que possibilitam inferir um modo específico de conhecer a partir da *physiología*.

Referências bibliográficas

- ASMIS, Elizabeth. *Epicurus Scientific Method*. London: Cornell University, 1984.
- BALAUDE, J-F. *Epicure, Lettres, Maximes, Sentences*. Paris: LGF, 1984.
- BLACKBURN, S. *The Oxford dictionary of Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BOLLACK, J.; BOLLACK, M.; WISMANN, H. *La Lettre d'Epicure*. Paris: Les editions de Minuit, 1971.
- BOLLACK, J.; LACKS, A. *Epicure à Pythoclès*. In: *Cachiers de Philologie*. Paris: Minuit, 1971.
- BOYANCÉ, Pierre. *Lucrece et L'epicurisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963. (Les Grands Penseurs).
- CHÂTELET, François. *A filosofia pagã*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.
- CONCHE, Marcel. *Epicure: Lettres et Maximes*. Paris: Editions de Mégare, 1977.
- _____. *Lucrece et l'expérience*. Paris: Éditions de Mégare, 1996.
- CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae*. As origens do pensamento filosófico grego. 2 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.
- DEMÓCRITO. *Fragmentos*. São Paulo: Abril, 1996. (Os Pensadores)
- DUVERNOY, J.-F. *Le modèle medical de l'éthique dans l'épicurisme*, in *Justification de l'éthique*. Atas do XIX Congresso ASPLF. Bruxelas: Ed. Da Universidade de Bruxelas, 1984.
- _____. *O epicurismo e sua tradição antiga*. Tradução de Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- EPICURO. *Antologia de textos*. In: Epicuro, Lucrecio, Sêneca e Marco Aurélio. São Paulo: Abril, 1980. (Os Pensadores).
- _____. *Lettres et maximes*. Texte grec, traduction, introduction et notes par Marcel Conche. – 5a. ed. – Paris: PUF, 1999.
- FARRINGTON, B. *A doutrina de Epicuro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FURLEY, D. J. *Two studies in the Greek Atomists*. Princeton, 1967.
- _____. *Lucretius and the Didactic Epic*. London: Bristol Classical Press, 2001.
- GIGANTE, M. *Scetticismo e Epicurismo*. Napole: Bibliopolis, 1981.
- _____. *Famadeum: Lucrece et les raisons du mithe*. Paris: Vrin, 1998.
- _____. *Lucrece. Atomes, mouvement*. Paris: PUF., 2001.
- GUAL, Carlos Garcia. *Epicuro*. Madrid: Alianza. sd.

- GOLDSHMIDT, V. *La doctrine d'Épicure et Le droit*. Paris: J. Vrin, 1977.
- LAÉRCIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- LAPORTE, J. L. *Idée de nécessité*. Paris: P.U.F., 1941.
- LONG, A. A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic Philosophers*. New York: Cambridge University, 1990.
- LORENCINI, Álvaro; DEL CARRATORE, Enzo. Introdução. *in: Epicuro. Carta a Meneceu*. São Paulo: UNESP, 1997.
- LUCRÉCIO. Da Natureza. *In: Epicuro, Lucrécio, Sêneca e Marco Aurélio*. São Paulo: Abril, 1980. Título original: *De Rerum Natura*. (Os Pensadores)
- MOREL, P.-M. *Démocrite et la recherche des causes*. Paris: Klincksieck, 1996.
- _____. *Atome et nécessité. Démocrite, Épicure et Lucrèce*. Paris: PUF., 2000.
- MOTTA P., J. A. *As delícias do jardim* in *Ética*. Organização de Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PESCE, Dominico. *Introduzione a Epicuro*. Roma: Laterza, 1998.
- SALEM, J. *Commentaire de la lettre d'Épicure à Herodote*. Bruxelles: Ousia. 1993.
- SILVA, Markus Figueira da. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UFRN, 2003.
- _____. *A compreensão de phýsis no pensamento de Epicuro*. In: *Itaca, Cadernos de Pós-Graduação*, Rio de Janeiro, 1995, p. 105-117.
- STRIKER, Gisela. *Essays on Hellenistic epistemology and ethics*. New York: Cambridge University, 1996.
- VARA, José. *Epicuro: Obras completas*. Madri: Ediciones Cátedra, S.A., 1995.
- VOELKE, A-J, *La philosophie comme thérapie de l'âme*. Etudes de philosophie. Fribourg: Editions Universitaires, 1993.

Data de submissão: 9-02-12

Data de aprovação: 25-06-12